

**Faculdades Alves Farias – ALFA.
Encontro de Iniciação Científica Alfa – EICA.
Curso de Ciências Econômicas.**

Alex dos Santos Silva¹

**ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL. O DESAFIO DE CRESCER SEM ABRIR
MÃO DE SUA ÉTICA.**

Goiânia

2011

¹ Graduando do Curso de Ciências Econômicas 6º período.
E-mail: alex84economista@gmail.com

Resumo

O desemprego é um problema comum ao modo capitalista de produção. É praticamente impossível, que um modelo de produção caracterizado pela acumulação de capital, e apropriação do trabalho alheio, venha a empregar todos os fatores de produção visando o bem estar de toda a sociedade. Dentre os fatores de produção que deixarão de ser empregados, há um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras, que pela falta de emprego, são obrigados a viverem marginalizados na sociedade. Na tentativa de amenizar os danos causados pelo desemprego, surge a Economia Solidária. Um modo de produção que não vem substituir o capitalismo, mas que pode ser implantado em conjunto, atuando na busca da melhoria de vida (através da solidariedade), daqueles que são marginalizados. Mesmo sendo implantada em conjunto com o capitalismo, a Economia solidária tem na sua essência valores éticos que não estão presentes no capitalismo. Enquanto o capitalismo busca a acumulação através das desigualdades, a economia solidária busca a distribuição através da unidade entre as classes sociais.

A economia solidária tem experimentado um significativo crescimento no Brasil, principalmente após a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária SENAES, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego MTE. Percebe-se que desde a criação da SENAES, houve o crescimento do número de associados, e os estabelecimentos de economia solidária passaram a ter receitas maiores. Este crescimento é muito bom, pois demonstra que é viável investir em economia solidária, mas também pode representar um grande problema: o aumento no capital, pode colocar em risco os valores éticos dos estabelecimentos solidários.

O objetivo deste trabalho é divulgar os dados da economia solidária, e levantar a questão ética que a envolve. Por ser um tema tão complexo, não será apresentado a sua solução, mas se for instigado a discussão entre os pensadores econômicos; o mesmo terá cumprido o seu papel.

Palavras chave: Economia Solidária, Solidariedade, Capitalismo, Ética, Desemprego.

ABSTRACT

Unemployment is a common problem in the capitalist mode of production. It is practically impossible, that a production model characterized by the accumulation of capital, and appropriation of alien labor will employ all factors of production for the well being of the entire society. Among the factors of production that will no longer be employed, there is a large contingent of workers who lack employment, forced to live are marginalized in society. In an attempt to mitigate the damage caused by unemployment, there is the Solidarity Economy. A mode of production that capitalism does not replace, but that can be deployed together, acting in pursuit of improving lives (through the solidarity) of those who are marginalized. Even being deployed in conjunction with capitalism, Solidarity Economy is at its core ethical values that are not present in capitalism. While capitalism seeks through the accumulation of inequalities, economic solidarity search through the distribution of the unity between social classes.

The solidarity economy has experienced significant growth in Brazil, especially after the creation of the National Secretariat for Solidarity Economy SENAES, under the Ministry of Labor and Employment MTE. It is felt that since the creation of SENAES, there was growth in the number of partners and the social economy businesses now have higher revenues. This growth is very good, because it shows that it is feasible to invest in the social economy, but can also pose a big problem: the increase in capital, could jeopardize the ethical values of solidarity establishments.

The objective of this work is to disseminate the data of the solidarity economy, and raise the ethical issue that surrounds it. Because it is a subject so complex, it will be presented with your solution, but if it is instigated discussion among economic thinkers, he has fulfilled his role.

Keywords: Economic Solidarity, Solidarity, Capitalism, Ethics, Unemployment.

1. A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Seus princípios básicos são a propriedade coletiva do capital e o direito à liberdade individual. Todos os que Produzem são uma única classe de trabalhadores na qual todos são possuidores do capital através do trabalho cooperativo.(MAIA, 2008 apud SINGER)

A economia solidária recobre diferentes formas de organização onde os cidadãos e cidadãs se incubem seja para criar sua própria fonte de trabalho, seja para ter acesso a bens e serviços de qualidade ao mais baixo custo possível, numa dinâmica solidária e de reciprocidade que articula os interesses individuais aos coletivos. (ROCHA, apud TAUILE,2001)

A Economia Solidária apresenta-se com um modo de produção que pode ser adaptado ao modelo Capitalista de produção, atuando na geração de renda, de uma grande parcela da população que não tem acesso a empregos, e vivem à margem da sociedade. Desde a sua criação, a Economia Solidária busca à inserção de trabalhadores que são excluídos do processo de geração de empregos e renda.

O modelo capitalista é pautado pela separação de classes sociais, e a luta constante entre os trabalhadores (proletariado) e os empregadores (proprietários dos meios de produção). Esta luta é pautada pela ética do capital. Os trabalhadores são obrigados a venderem a sua força de trabalho, para conseguirem a sua subsistência, o preço pago pelo empregador é suficiente apenas para que o trabalhador tenha acesso a sua alimentação, excluindo a possibilidade de acumulação de capital, ou que o trabalhador possa buscar uma vida mais digna. É comum no modo Capitalista de produção o desemprego de mão de obra, gerando pobreza e miséria. O modelo capitalista de produção provoca grandes desigualdades sociais.

Segundo Paul Singer (2002, p.9) “para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva”. A competição gerada pelo capitalismo, faz com o que os valores de solidariedade e cooperação sejam esquecidos pela população, que na busca pelo capital vê o seu semelhante como

um concorrente a ser vencido. Percebe-se então que a Economia Solidária tem fundamentos éticos diferentes do Capitalismo, mas podem caminhar juntos, uma vez que o capitalismo não impede que outros modos de produção se desenvolva. Paul Singer fala sobre a relação entre a economia solidária e modo capitalista de produção:

Mesmo sendo hegemônico, o capitalismo não impede o desenvolvimento de outros modos de produção porque é incapaz de inserir dentro de si toda população economicamente ativa. A economia solidária cresce em função das crises sociais que a competição cega dos capitais privados ocasiona periodicamente em cada país. Mas ela só se viabiliza e se torna uma alternativa real ao capitalismo quando a maioria da sociedade, que não é proprietária de capital, se conscientiza de que é de seu interesse organizar a produção de um modo em que os meios de produção sejam de todos os que os utilizam para gerar o produto social.(MAIA, 2008 apud SINGER, 2003)

Júlia Coelho complementa esta ideia, acrescentando que:

(...)[A economia solidária] não atua em um campo fora do capitalismo e do mercado formal, mas ao contrario, busca dentro da realidade existente formas alternativas de desenvolvimento econômico baseando em valores mais humanos, na busca da autonomia dos grupos que a praticam, em praticas sociais e ambientais sustentáveis. (MAIA, 2008 apud, COELHO, 2006)

Para que a economia solidária possa se desenvolver, é preciso que grupos se unam tendo com princípio a cooperação e a solidariedade. “A economia solidária é outro modo de produção, cujo princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. (SINGER, 2002 p10). Os grupos são criados por pessoas movidas por sentimentos solidários, e que acreditam que a solidariedade pode mudar a vida de muitas pessoas. Sobre a forma como a economia solidária avança no Brasil, o professor Marcio Pochmann afirma que:

O avanço inicial da economia solidária no Brasil deve-se à junção de dois

movimentos específicos no Brasil. De um lado, o aparecimento de um enorme excedente de mão de obra(...) De outro lado, o movimento composto por um importante conjunto de militantes sociais críticos e engajados na construção de alternativas de organização social e laboral no Brasil. (POCHMANN, 2004, P.23-24)

1.1. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.

Diferentemente das empresas capitalistas, as empresas solidárias, que podem ser chamadas de Estabelecimentos de Economia Solidária – **EES** – praticam a auto gestão, e partilham os lucros de forma solidária. Em um EES não há divisões de classes, e todos os que associam-se tem os mesmos direitos e obrigações perante o estabelecimento, e isto independente do valor de capital aplicado.

A autogestão garante que todos os participantes tenham poder de decidir quanto ao futuro da organização. Se o EES for pequeno todas as decisões são tomadas em assembleias com a participação de todos os sócios. É bom deixar claro que todos os trabalhadores são considerados sócios. Em caso de necessidade de contratação de mão de obra especializada, como por exemplo um gerente financeiro, todos os sócios participarão da assembleia decidindo pela contratação deste funcionário, que prestará os seus serviços visando a melhoria e o crescimento do EES. Em geral os EES não tem colaboradores ou funcionários, tem apenas sócios, que são pessoas que associam-se mediante a aplicação de capital ou trabalho/serviço.

Caso o EES cresça dificultando a realização de assembleias, os sócios elegerão delegados que terão a missão de representá-los em todas as decisões relacionadas a organização do estabelecimento. Os delegados não são “chefes” dos sócios, mas são responsáveis pelo interesse daqueles que estão na ponta da cadeia produtiva. Para que os EES possam crescer é importante o engajamento de todos os sócios, que deverão ter acesso a todas as informações referentes ao estabelecimento. Para Paul Singer “ o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a pratica democrática exige.” (SINGER, 2002, p.19) Se os sócios não buscam conhecer mais do EES, os delegados podem tomar decisões diferentes das necessidades e interesses da

grande maioria dos associados, podendo influenciar negativamente no futuro solidário do estabelecimento.

A heterogestão parece ser eficiente em tornar empresas capitalistas competitivas e lucrativas, que é o que seus donos almejam. A autogestão promete ser eficiente em tornar empresas solidárias, além de economicamente produtivas, centro de interação democráticos e igualitários (em termos), que é o que seus sócios precisam. (SINGER, 2002, P.23)

Outro princípio básico da economia solidária é a forma como os ganhos (lucros) são partilhados entre os sócios. Nas empresas capitalistas os empregados recebem salários que podem variar de acordo com a importância da função exercida, ou por convenções trabalhistas, que em uma relação de oferta (numero de trabalhadores desempregados, ou que desejam se candidatar ao posto de trabalho, além da especialização do trabalhador) e demanda (Numero de vagas, e a necessidade das empresas) determinam o valor dos salários de cada classe. Os salários obedecem as diferenças hierárquicas, e quanto mais envolvido na produção, menor será o salário recebido pelo trabalhador. Os gerentes e diretores recebem os salários mais altos, além de uma parcela maior na distribuição dos lucros da empresa.

Na economia solidária é diferente, os trabalhadores não recebem salários, mas tem direito a retiradas que variam de acordo com a receita obtida pelo EES. As retiradas podem ser feitas de forma igualitária, ou seja, todos os sócios independentes da função terão direito a retiradas no mesmo valor, ou serem feitas de forma desigual, porém solidária. É normal alguns EES optarem por retiradas com valores diferentes entre os sócios, isto será discutido em assembleia. Alguns estabelecimentos podem optar por remunerarem melhor alguns sócios para não perdê-los para a iniciativa privada, e por entenderem que o seu trabalho é muito importante para o crescimento coletivo, ou seja, mantendo este sócio o estabelecimento terá um crescimento maior, beneficiando todos os sócios. “Desigualdades são permissíveis quando elas maximizam, ou ao menos todas contribuem para [elevar] as expectativas de longo prazo do grupo menos afortunado da sociedade” (SINGER, 2002, apud RAWLS)

2. DADOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária SENAES, que é vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego MTE, foi criada em junho de 2003. A SENAES é um importante órgão na organização e promoção da economia solidária no Brasil. Os dados que serão apresentados neste trabalho são do Atlas da Economia Solidária, publicado pela SENAES².

De acordo com os dados do Atlas da Economia Solidária, em 2005 haviam 14.954 EES em todo país, e em 2007 este número subiu para 21.859, obtendo crescimento de 46%. O gráfico 1 apresenta o crescimento em cada região. A região SUDESTE com 82%, apresentou o maior crescimento no período, mas a região NORDESTE continua sendo a região com o maior número de EES.

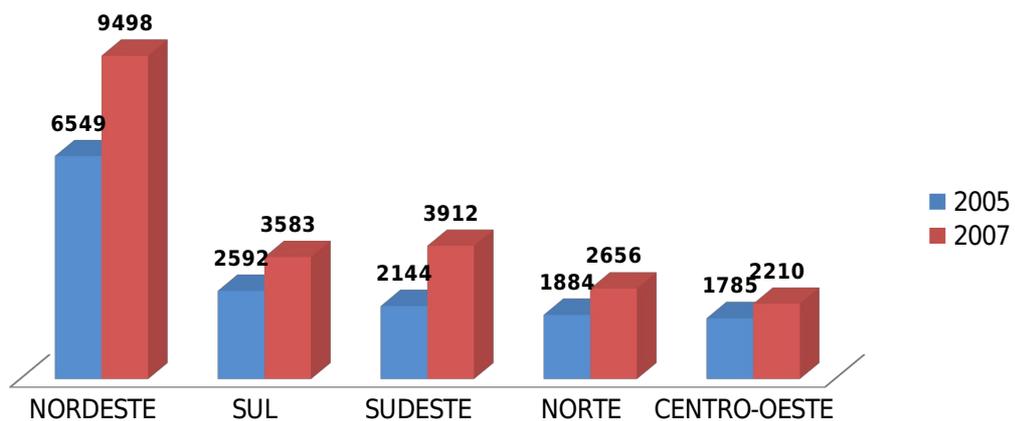


GRÁFICO 1: NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS SOLIDÁRIOS POR REGIÃO.

FONTE: SNAES/MTE

² Os dados apresentados nos gráficos e tabelas podem conter dados do Atlas de 2005, e do Atlas de 2007. Todos organizados pela SENAES, e disponível para Consulta no site: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies.asp>

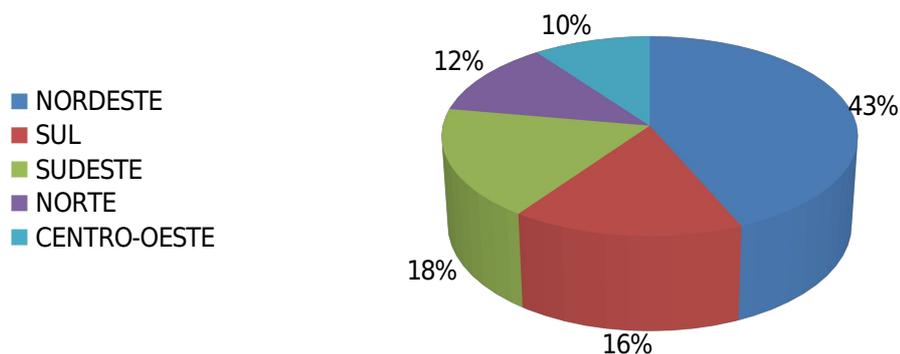


GRÁFICO 2: PARTICIPAÇÃO POR REGIÃO EM 2007

FONTE: SENAES/MTE

A economia solidária possui 1.687.035 associados, sendo 1.056.952 homens e 630.083 mulheres. Existem 2.053 EES composto apenas por homens, contando com 103.491 associados; 3.875 EES composto apenas por mulheres, contando com 77.434 associadas; e 15.709 EES mistos, contando com 552.948 mulheres e 953.623 homens. Em média cada estabelecimento conta com 78 associados.³

O faturamento mensal dos EES é de R\$ 43.232,67 em média e existem EES com faturamento mensal superior a R\$ 100.000,00, veja a Tabela 1.

FATURAMENTO MÉDIO MENSAL DOS EES				
FAIXA DE FATURAMENTO MENSAL	Nº DE EES	%	TOTAL	MÉDIA
Até R\$ 1.000,00	3628	24,02%	R\$ 1.888.534,99	R\$ 520,54
de R\$ 1.001,00 a R\$ 5.000,00	5412	35,83%	R\$ 13.489.199,68	R\$ 2.492,46
de R\$ 5.001,00 a R\$ 10.000,00	2031	13,45%	R\$ 14.551.018,35	R\$ 7.164,46
de R\$ 10.001,00 a R\$ 50.000,00	2789	18,46%	R\$ 61.387.900,66	R\$ 22.010,72
de R\$ 50.001,00 a R\$ 100.000,00	522	3,46%	R\$ 36.722.203,36	R\$ 70.349,05
Mais de R\$ 100.000,00	723	4,79%	R\$ 524.990.592,41	R\$ 726.128,07
TOTAL	15105	100%	R\$ 653.029.449,45	R\$ 43.232,67

Tabela 1: Faturamento médio dos EES

FONTE: SENAES/MTE

[Os benefícios da economia solidária são]... sobrevivência imediata, subsistência material, aumento da renda familiar, reinserção social, reativação da vida comunitária, qualificação técnica e profissional, desenvolvimento da autogestão, desenvolvimento do espírito democrático, participação na sociedade e consciência social e política. (MAIA, 2008, apud GAIGER, 2004)

3 Dados do Atlas da Economia solidária do ano de 2007.

3. CRESCIMENTO E ÉTICA, A PRINCIPAL QUESTÃO A SER ENFRENTADA PELA ECONOMIA SOLIDÁRIA.

Há casos em que a empresa solidária fica muito rentável, o que a torna valiosa no mercado em que empresas são compradas e vendidas. Os sócios mais antigos podem ficar tentados a vender a cooperativa a alguma empresa capitalista interessada. (SINGER, 2002, p.16)

Há um truísmo que diz que cooperativas que vão mal fecham, as que vão bem deixam de ser cooperativas. (...)Mas muitas cooperativas que tem sucesso econômico praticam a autogestão, pois os seus sócios fazem questão dela pelos motivos certos: porque gostam de participar e se realizam na luta por um outro modo de produção. (SINGER, 2002, p.20)

“É da corrente dos socialistas utópicos que o cooperativismo nasceu, especialmente das ideias de Owen, Fourier, Buchez e Blanc. Esta corrente buscava uma sociedade mais equitativa por meio de associações voluntárias” (ROCHA, P.15). Os grandes responsáveis pelo crescimento da economia solidária no Brasil, são pessoas que tem ideologias socialistas, é impossível imaginar a economia solidária se não for pela ótica social. A forma como são organizados os EES confrontam a ética capitalista, e é incompreensível para todos que não possuem sentimentos solidários.

O grande problema do crescimento no número de associados e no número de EES, é que nem todos os associados estão em busca de uma sociedade melhor, mais humana e solidária. Grande parte dos associados, não tem o espírito socialista e solidário, são pessoas que apenas buscam uma forma de afastarem-se do desemprego e da falta de renda. É fácil ser solidário enquanto ganha-se pouco, mas o crescimento da produção e da receita pode mudar completamente o rumo de um estabelecimento que surgiu com uma proposta de melhoria de vida de um todo. Ao contrário do modelo capitalista, a economia solidária busca a distribuição de renda e não à sua acumulação.

A realidade colocara em evidencia, de maneira brutal, a oposição entre o

interesse individual e o interesse social, pois enquanto de um lado um grupo cada vez menor de empresários enriquecia, do outro a classe operária vivia miseravelmente (ROCHA, apud PINHO, 1977)

Os princípios da autogestão só podem ser praticados na essência por pessoas que realmente tem vocação solidária, excluindo as divisões geradas pelo capital. Mesmo que um sócio tenha investido um alto valor na constituição do EES, ele não pode ser considerado mais importante, ou ter maior poder de decisão que os sócios menos favorecidos financeiramente, é questão de valorizar o ser humano e não o seu dinheiro. Para ser bem sucedida a economia solidária deve pautar pela valorização do trabalhador e a busca pela unidade, não há dono de EES, não pode haver diferenças sociais.

MOTIVOS	ORDEM 1	ORDEM 2	ORDEM 3	TOTAL
1. Uma alternativa ao desemprego	6746	2069	1130	9945
2. Obtenção de maiores ganhos em um empreendimento associativo	3339	3125	1510	7974
3. Uma fonte complementar de renda para os(as) associados(as)	3060	4473	2102	9635
4. Desenvolvimento de uma atividade onde todos são donos	1571	2489	2030	6090
5. Condição exigida para ter acesso a financiamentos e outros apoios	2870	1501	1131	5502
6. Recuperação por trabalhadores de empresa privada que faliu	89	37	36	162
7. Motivação social, filantrópica ou religiosa	864	441	272	1577
8. Desenvolvimento comunitário de capacidades e potencialidades	1128	1084	768	2980
9. Alternativa organizativa e de qualificação	961	616	586	2163
10. Outro. Qual?	772	347	316	1435

Tabela 2: O que motivou a criação dos empreendimentos

FONTE:SENAES/MTE

O que leva as pessoas a associarem-se à economia solidária? Muitos enxergam na Economia solidária uma alternativa ao desemprego. Esta foi a principal resposta dada pelos sócios a um questionário elaborado pela SENAE. Uma outra fonte complementar de renda para os (as)associados (as), vem em segundo lugar nos principais motivos da criação de empreendimentos solidários. Em geral as

peças buscam a economia solidária para encontrar aquilo que não conseguiram nas empresas convencionais, ou apenas como uma complementação de renda.

É preciso conscientizar os novos sócios de que os EES tem uma ética diferente da iniciativa privada. É importante apresentar a economia solidária como uma forma de expansão da solidariedade entre os homens, e não como uma “alternativa temporária” aos problemas causados pelo capitalismo.

O crescimento no número de sócios pode ser um dos maiores problemas para a economia solidária, pois, sócios que estão preocupados apenas com questões relacionadas ao capital, lutarão contra os princípios solidários. Mesmo que os EES caminhem juntos com a iniciativa privada, os valores sociais e solidários não podem ser abandonados, para acumulação de capital.

Todos os que realmente levam a bandeira da solidariedade devem unir-se com o objetivo de expandir os conhecimentos e o sentimento solidário entre todos os membros das associações e cooperativas solidárias no Brasil. O grande perigo é o abandono dos princípios por causa do capital. Os que são movidos pelo sentimento da solidariedade verão o crescimento no faturamento como uma oportunidade de expansão da ajuda e cooperação (com uma receita maior, mais pessoas poderão ser ajudadas). As cooperativas jamais serão vendidas por pessoas que realmente sejam solidárias. O problema está na ética que move as pessoas que associam-se aos estabelecimentos de economia solidária, muitos associados ainda vivem sob a ética capitalista, que está impregnada na cultura da grande maioria dos brasileiros, sejam eles empregadores ou trabalhadores.

Mais importante do que aumentar o número de associados, é aumentar a solidariedade entre todos. É preciso expandir os valores éticos da economia solidária de maneira que toda a riqueza gerada pelas cooperativas, sejam aplicadas para a melhoria de vida do maior número de pessoas.

“Hay días en que me levanto con una esperanza demencial, momentos en los que siento que las posibilidades de una vida más humana están al alcance de nuestras manos”
(Ernesto Sábato)

CONCLUSÃO

O crescimento da Economia solidária no Brasil, é algo que alegra todos os que acreditam na possibilidade de um país mais justo e social. Mas este crescimento não está isento de riscos, pois nem todos os associados estão ligados a ética solidária.

Os princípios básicos de todos os estabelecimentos de economia solidária, são incompreensíveis por aqueles que se associam apenas em busca de uma alternativa passageira para o desemprego. Ainda há muitos associados que enxergam a economia solidária apenas como um “bico”, ou um trabalho temporário. Muitos trabalhadores querem obter na economia solidária o mesmo que é obtido nas empresas convencionais, sem levar em consideração que a economia solidária tem uma proposta bem diferente das empresas convencionais.

Torna-se necessário então, um maior engajamento de todos os pensadores solidários, e todos aqueles que realmente acreditam que a solidariedade entre os homens ainda é possível. É preciso que todos os sócios conheçam os princípios éticos, e coloquem em prática para que a economia solidária possa crescer permanecendo com os seus valores éticos e principalmente, sendo solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA (SENAES). 2007. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/sistemas/atlas/AtlasESmenu.html>> acesso em 10 de Agosto de 2011.

MAIA, Daniel Henrique dos Santos; CATIN, Nayana Ferreira; FILHO, Hélio Braga. **As alternativa propostas pela economia solidária, para o desenvolvimento econômico e social, com sustentabilidade e geração de renda.** 2008. Disponível em <<http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20IC/Daniel,%20Nayana%20e%20Helio.pdf>> Acesso em 09 de Agosto de 2011.

POCHMANN, Marcio. **Economia solidária no Brasil: Possibilidades e limites.** IPEA, p. 23-34, Ago. 2004. Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_24g.pdf> acesso em 09 de Agosto de 2011.

ROCHA, Jefferson Marçal da. **Economia Solidária: Discutindo uma nova ética nas relações de trocas.** Disponível em: <<http://hermes.ucs.br/ccea/dece/jmrocha/Textos/Economia%20Solidaria.pdf>> Aceso em 10 de Agosto de 2011.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia solidária.** 1. ed São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.